

Público

04-04-2020

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 31885

Temática: Diversos

Dimensão: 1031 cm<sup>2</sup>

Imagem: S/Cor

Página (s): 36

# Polícia de Roma pede ajuda a lisboetas para encontrar Geco

A pessoa (ou o grupo) que encheu Lisboa com autocolantes, *tags* e pinturas murais está sob investigação das autoridades italianas, que contactaram moradores lisboetas para identificar os danos causados

**Graffiti**  
João Pedro Pincha

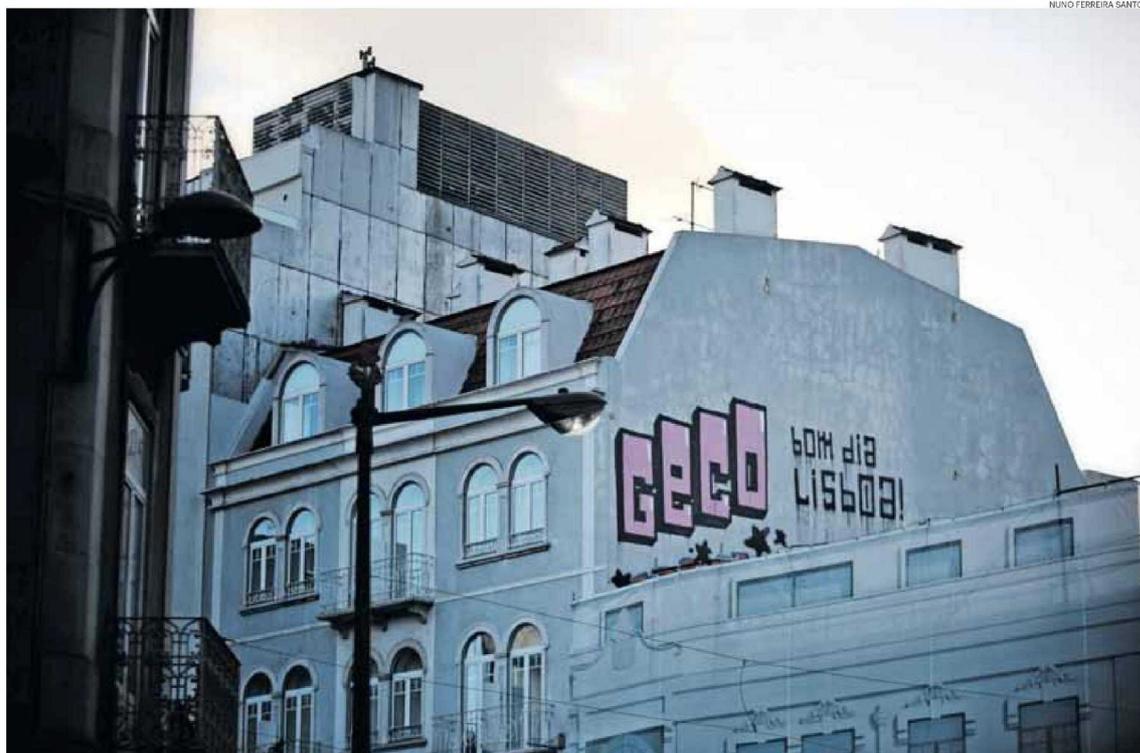
Pouco passava das duas da tarde de uma sexta-feira recente quando Rui Martins sentiu um plim na caixa de *email* e constatou que tinha uma mensagem vinda de Itália. Ao ler, apercebeu-se que a vida por lá continuava, apesar do pandemónio do coronavírus. O que acabava de receber nada tinha que ver com covid-19, mas antes com um assunto que lhe era bem mais próximo: os grafitos de Geco.

Depois de encontrar na Net os seus vários comunicados sobre o assunto, a Polícia Local de Roma decidiu contactar a Associação Vizinhos em Lisboa para obter mais informações sobre a misteriosa pessoa (ou grupo) que cobriu Lisboa de murais, *tags* e autocolantes apenas com esse nome enigmático, “Geco”. No *email*, o núcleo de ambiente daquela polícia informa que está a decorrer uma investigação na capital italiana para descobrir a sua real identidade. “Precisamos de conhecer os ‘danos ao património’ que o tal Geco causou no território de Lisboa e de eventuais medidas tomadas pelas vossas autoridades”, lê-se.

O contacto romano com a Vizinhos em Lisboa deve-se ao facto de esta associação – composta pelos fundadores de grupos informais de vizinhos – ter apresentado uma queixa-crime contra o *graffiter* em Outubro de 2018, que viria a ser arquivada pelo Ministério Público português um ano mais tarde. O PÚBLICO procurou obter mais esclarecimentos sobre as diligências em curso junto da Polícia Local de Roma, mas não obteve respostas.

Na volta do correio, a associação enviou uma extensa lista de ocorrências abertas entre meados de 2018 e o fim de 2019 no portal Na Minha Rua, criado pela Câmara de Lisboa para alertar para problemas na via pública. Juntou ainda meia centena de fotografias com *tags*, pinturas e autocolantes encontrados só na freguesia do Areeiro, outras tantas em cidades como Florença, Roma e Bolonha.

“Lisboa gastou 3,6 milhões de euros nos últimos três anos só em limpeza de grafitos”, refere a associação, reto-



A Vizinhos em Lisboa aprovou uma queixa-crime contra o *graffiter* em Outubro de 2018 que foi arquivada

**“Eu venho de Roma e lá pintar é uma tarefa mais difícil. Quando saio à rua, é só mesmo de noite ou de madrugada”, dizia Geco ao Corvo. “Cá, os polícias são mais permissivos, não têm tanto ódio às pessoas que fazem graffiti”**

mando o argumento que já invocara na apresentação da queixa-crime: “É missão da associação a defesa do interesse dos munícipes contribuintes (moradores da cidade) que assim deixam de poder ver aplicadas verbas em benefício do seu habitat e da sua qualidade de vida em virtude dos custos com limpezas, constituindo isso um dano significativo.”

Em 2016, a Câmara de Lisboa lançou um concurso público para a contratação de empresas que limpassem grafitos por 4,2 milhões de euros. O concurso acabou por ser impugnado por uma das concorrentes e a autarquia fez contratos com outras três empresas, por ajuste directo, para resolver o problema. Mais tarde, porém, o Tribunal de Contas recusou

o visto prévio aos contratos e rejeitou um recurso do município.

O imbróglie jurídico resolveu-se em meados do ano passado e desde então que há limpeza regular de fachadas um pouco por toda a cidade, mas em certos bairros a presença de rabiscos e pichagens é tão avassaladora que dir-se-ia que algumas paredes não vêem água há muitos anos.

A queixa dos Vizinhos em Lisboa acabaria por ser arquivada pelo Ministério Público em Outubro de 2019, com o argumento de que não tinha sido possível “obter indícios suficientes de quem foram os agentes do crime denunciado, uma vez que ninguém presenciou a sua prática”.

Agora, na resposta à polícia italiana, a associação incluiu uma fotografia

de um homem a escrever a palavra “Geco” numa parede lisboeta, que alegadamente será o autor ou o líder do grupo responsável pelas pinturas. Essa fotografia também já está na posse da Polícia Municipal lisboeta.

De acordo com uma entrevista publicada em 2018 pelo jornal *O Corvo*, Geco será um italiano que tinha 27 anos à época e que chegara a Lisboa em meados de 2016. “Eu venho de Roma, e lá pintar é uma tarefa mais difícil. Quando saio à rua, é só mesmo de noite ou de madrugada. Sinto mais pressão e ando com mais cuidado pelas ruas”, dizia. “Cá, os polícias são mais permissivos, não têm tanto ódio às pessoas que fazem *graffiti*.”

joao.pincha@publico.pt